



Escolhas

2ª edição

Pedro Branco
Inês Girão

editame



Risco

*Perdi as palavras na distância de ti.
Na corrente de tudo prender à solta.
Forte, a minha voz rouca-te em segredo.
A dor da saudade assim.
Desta cruel saudade.
Fico à espera. Não me afasto então.
Teimosamente permaneço e adormeço sobre o engano.
O engano mais que nosso de andar sempre pelas palavras e pensar
que são elas a nossa salvação. Errante.
Desfaço-me em vão.*

Não consigo dizer tão bem...



CONTEMPLAÇÃO

*Roças-me a alma e eu estremeço.
Porque da fragilidade de todos os tempos e de todos os
amores as correntes despejam-se em margens perdidas e fracas.
Quanto tempo dura uma palavra?
Quanto tempo demora uma cor?
Quantos sonhos se pintam num perfume?
Diz-me outra vez.
Eu, que me deixo roçar o tempo todo.
E por isso não consigo ver...*

Ter - te



*Perto. Muito perto é a minha casa.
Demasiado perto?
Nunca é demais quando as ondas nos batem
à porta para nos anunciar as marés.
Nunca será muito se a praia se estende aos nossos pés para nos aquecer.*

*Será sempre pouco quando os silêncios
esconderem o tempo...*

Apenas

*Perdidos num quarto onde o sol se fazia convidado,
onde o vento se fazia cobertor,
onde as cores e os aromas dos corpos
se faziam tijolo e telhado...
Perdidos nessa paixão bailante
dos olhos fechados,
dos olhares para dentro de
dentro, das lágrimas de nos banhar
e de construir o chão...
Perdidos no tempo,
num tempo de não existir mais nada.
Nem o sol nem o vento.
Apenas nós.
E o quarto cheiro de luz que entrava
através da janela que tinha deixado
propositadamente aberta
à tua chegada.*

nós

*Se fôssemos mundo, natureza, margens e vento
Se fôssemos todos os respirares de um só momento
Se fôssemos aguarela do céu manto estendido
Se fôssemos guitarra do nosso corpo despido
Se formos tudo isso num sonho de luta acordado
Teremos a certeza: chegaremos ao Outro Lado!*

Sermos



Não sei da onda que te cobre
Nem do desejo de te cobrir
Talvez apenas uma palavra sobre
Quando nada mais se faça sentir...
Não sei do mar que te quer
Nem do vento que te desenha
Talvez um perfume de mulher
A chamar-me para que venha...
Não sei de ti, finalmente
Nem se um dia teu cheiro me cobrirá
Talvez uma inquietação dormente
Ou apenas uma noite que não há...
Não sei, ou talvez saiba
Que tudo são marés de dentro de nós
Onde cabemos ou quem sabe ninguém caiba
No comando à procura da nossa voz...

Estar-te



Não me devolvas a morte
Perdoa-me os passos
Cobre-me os cansaços
Que de tanto te querer em sorte
Me esqueci dos teus braços!

Não me mostres nada
Carrega-me apenas
Leva-me contigo em lágrimas plenas
Que de tanto te querer calada
Me transformo em dores demasiado pequenas...

Desejo-te na alma maior do ser
Canto-te a cada minuto de mim
Solto-te livre, talvez enfim, Só porque te amo, ao renascer

As palavras que nos unem por fim!



Sem

Palavras

*Sem rasto... os caminhos percorrem-nos de olhos fechados.
Sem rosto... os horizontes vagueiam-nos por dentro.
Sem casa... os aconchegos libertam-nos em dor.
Sem cor... as marés geometricam-nos a alma.
Sem tempo... os gritos ficam-nos
em cânticos nocturnos.*

Sem ti... eu fico-me!

Carroça

*Não serei eu mais tela de um jardim por inventar...
Não serei eu mais palavras de cada vez que o amor me for visitar...
Não serei eu embriaguez dentro de mim, aos tropeções...
Não serei eu, de novo, poeta, no perfume das tuas canções...*

*Não terei eu o vento, se me dás o perfume e as cores...
Não terei eu as ondas, às voltas na corrente dos rios, se tu fores...
Não terei eu a voz, nos caminhos da nossa procura...*

*Não terei eu o salto, o fogo, o crime, a ternura...
Serei, sim, o meu nome em cada verso.
Terei, sim, todas as lembranças do universo...
Serei, terei, sempre... o sorriso com que por ti hoje me atravesso!*

São Cruéis



*São cruéis as palavras que brotam no escuro.
São cruéis os ecos que nos adormecem ao ouvido.
São cruéis todos esses momentos em verso puro com
que me atormentas tudo o que sou e tenho sido...
São cruéis os teus amores, os teus olhos, as tuas paixões.
São cruéis as silhuetas dos reflexos cortantes.
São cruéis as verdades, o nervo dos turbilhões com que
me perco em ti como hoje ou dantes...
São cruéis as voltas das correntes na foz.
São cruéis os encontros perdidos ou apagados da
memória.
São cruéis todas as cores iluminadas em nós com que
pintas a derrota com as cores da vitória...
São cruéis os montes dos céus cruéis.
Os amores, as solidões, os desencantos.
Por isso, amor, pega nos teus pincéis e pinta de novo
todas as letras com que escreves os teus prantos!*



Mordaça

*Se o reflexo das tuas palavras te cobrisse o corpo como me cega,
ambos saberíamos que só no silêncio poderíamos ser felizes.*

.

Ou duvidas que esse som alberga todos os desejos de dentro?

.

*Se as cores do teu olhar se voltassem de novo para trás,
ambos iríamos finalmente
conhecer o sabor do desencontro.*

.

Ou duvidas que essa memória nos carrega as noites?

.

Se cada sentido disto tudo se transformasse, não valeria a pena a volta.

-

Ficaríamos na dúvida...

A razão da existência entende-se na medida exacta da inquietação?



Pedro Branco

Nasceu em Paris em 1965.

Professor do 1º ciclo desenvolve também a sua actividade no campo da música, teatro e poesia.

Os textos integrados neste livro foram escritos em 2007 e 2008 no seu blog <http://daspalavrasquenosunem.com>



Inês Girão

Nasceu no Porto em 1987.

É uma apaixonada pela arte de fotografar desde os 16 anos, com um gosto em experimentar, conhecer e aprender os segredos mais íntimos da fotografia.

Uma mostra do seu trabalho pode ser visualizada em:

http://www.lensfreak.com/website/index.php?main=photos&sub=member&member=i_girao